

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 1 Janeiro - Abril 2023

ESPECIAL 40

EM REVISTA: MEMÓRIAS DA COMISSÃO EDITORIAL DA SAB ENTREVISTA ADRIANA SCHMIDT DIAS

Fernanda Codevilla

Veronica Wesolowski

Fernanda Codevilla: Adriana, obrigada por ter aceitado fazer parte desse conjunto de entrevistas em comemoração aos 40 anos da Revista da SAB. Farei nossa primeira pergunta: quando foi a sua primeira gestão da Revista da SAB? Você chegou a participar de mais alguma?

Primeiramente, gostaria de agradecer o convite. Fico muito feliz por essa iniciativa de resgate da memória da Comissão Editorial da SAB. A Revista editada pela Sociedade de Arqueologia Brasileira é uma das plataformas mais importantes da nossa produção acadêmica nacional, oferecendo um perfil do que está sendo produzido pela nossa área. Portanto, ela é um instrumento fundamental de registro da atuação profissional, científica e até mesmo política dos nossos associados em particular, mas também dos arqueólogos brasileiros como um todo, em diferentes momentos da história das nossas pesquisas.

Particpei da editoria da Revista de Arqueologia da SAB pela primeira vez na gestão de Tânia Andrade Lima, no biênio 2000-2001, e na ocasião eu compartilhei a Comissão Editorial com Klaus Hilbert e Jorge Eremites de Oliveira. Havia, então, essa nova cultura editorial surgindo na academia brasileira como um todo, e mais especificamente na arqueologia, nessa virada para os anos 2000. Trazia na bagagem uma experiência editorial anterior que começou com a Revista do CEPA, editada pelo Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade de Santa Cruz do Sul. A Revista do CEPA foi fundada nos anos 1970 pelo Prof. Pedro Augusto Mentz Ribeiro e fazia parte daquele perfil das revistas acadêmicas em arqueologia, mantidas por instituições de pesquisa para divulgar sua produção científica. Tínhamos aqui no Rio Grande Sul essa revista mantida com verbas da UNISC, assim como a revista “Pesquisas – Antropologia” do Instituto Anchietano de Pesquisas da UNISINOS, ambos periódicos importantes e que mantinham periodicidade anual. Quando o Prof. Ribeiro se aposentou, Sérgio Klamt, que tinha sido meu colega de mestrado, assumiu a gestão do CEPA e da Revista, e convidou a mim e ao André Jacobus – na época trabalhávamos no Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul – para compor essa primeira comissão editorial. Editamos vários números da Revista do CEPA, acredito que chegou a quase 20 números, entre 1995 e 2004.

DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v36i1.1079>

Já a minha primeira experiência com a Revista de Arqueologia da SAB foi também neste período, em um momento de grandes mudanças nas políticas editoriais no país, quando da transição de regras da CAPES que estava começando a criar um perfil acadêmico compatível com parâmetros internacionais para as nossas pós-graduações. Neste momento, a CAPES passou a colocar como critério avaliativo dos Programas de Pós-graduação que as revistas onde os seus membros estavam publicando mantivessem alguns critérios de qualidade mínimos, atrelando a isso os financiamentos que vinham das agências de fomento para os custos editoriais.

Assim, as revistas começaram a perder aquele perfil de instrumento que mostrava a produção da casa, da universidade ou museu que financiava a sua edição, para ser, de fato, um espaço para publicações revisadas por pares. Acho que esses foram os principais pontos de mudança pelos quais passei naquela primeira experiência na editoria da Revista da SAB: o início efetivo da revisão por pares e das exigências de periodicidade. Foi quando começamos a fazer as chamadas abertas e editais para publicação com divulgação ampla. Nessa virada foi muito complicado para as pessoas se adaptarem porque estavam acostumadas com o sistema editorial das antigas revistas, que tinham um perfil mais monográfico e artesanal. Se formos pensar nos artigos que publicamos naquele momento, o parecerista era convidado por afinidade com o tema ou mesmo com o autor, mas isso não impedia conflitos, porque os autores às vezes não gostavam das críticas e sugestões e tiravam o artigo da Revista.

A minha experiência seguinte com a Revista de Arqueologia da SAB foi entre 2008-2009, na gestão de Denise Schaan, compartilhando a Comissão Editorial com Andrei Isnardis e Andrés Zarankin. Já estávamos então, sete anos depois, vivendo uma outra realidade: usávamos a internet como a principal forma de circulação das informações e dos pareceres; todos estavam acostumados com pareceres emitidos em duplo-cego, tínhamos uma listagem de pareceristas. Contávamos também com um Conselho Editorial formado por pessoas convidadas pela sua expertise científica.

Naquele momento, a CAPES começou a demandar que esses Conselhos Editoriais tivessem, preferencialmente, professores universitários e que fossem compostos também de pesquisadores estrangeiros, atendendo a demandas pela internacionalização. Nessa gestão, investimos bastante na internacionalização e chegamos a publicar, por articulação do Zarankin, um artigo inédito de Lewis Binford. Foi uma experiência muito interessante. Aliás, a distribuição das revistas impressas era um ritual, e costumávamos entregar presencialmente durante o Congresso da SAB os quatro números da gestão. Logo criava-se um custo de transporte e um volume de passivo muito grande no local do evento, porque nem todos os sócios iam ao congresso e sobravam muitos exemplares. Mandar pelos correios era caro, então também tínhamos que lidar com essas questões financeiras da distribuição.

Particpei novamente da Comissão Editorail entre 2012-2013 na gestão de Gilson Rambelli, juntamente com Edithe Pereira e Lucas Bueno. Este foi, de fato, o momento em que estabelecemos realmente a virada da nossa cultura editorial e a Revista da SAB entrou na revolução digital do século 21. Porém, não tínhamos muito claro naquele momento qual seria o impacto das revistas eletrônicas na nossa produção acadêmica. Considerava-se a revista eletrônica como de menor ranking se comparada à revista impressa, então tínhamos esse preconceito ainda. O acesso às revistas eletrônicas era pago e era possível somente nas bibliotecas das universidades que as assinavam. Eram questões ainda muito novas naquele momento e tínhamos uma incerteza muito grande para onde esse processo da edição digital iria nos levar.

Veronica Wesolowski: Naquele primeiro momento dos anos 1990 e início dos anos 2000, todo o processo editorial dependia de comunicação através dos correios, certo?

Sim, fazíamos tudo com troca de correspondência pelo correio. Tínhamos um prazo para o envio dos manuscritos – considerávamos o carimbo de envio – que deviam vir em três cópias, mais um disquete com a cópia digital. Então reenviávamos para dois pareceristas e esperávamos o retorno, tudo pelo correio. Em caso de empate (um parecer positivo e outro negativo), recorriamos a um terceiro parecerista.

Veronica Wesolowski: Foi uma mudança absolutamente radical e em muito pouco tempo, talvez dez anos entre meados de 1990 e meados dos anos 2000, para fazer a passagem completa de uma comunicação feita pelos correios com originais em papel, que em um segundo momento incluía também o envio de uma cópia digital em disquete, para uma comunicação feita pelo e-mail. E depois talvez mais dez anos para sair do gerenciamento por e-mail para o gerenciamento por sistema editorial aberto (OJS).

Sim. A passagem das revistas impressas para as revistas online foi uma mudança muito grande na cultura editorial e, como fomos agentes históricos, não temos uma noção muito clara do processo; só fomos nos adaptando a isso. Como eu era estudante de Pós-graduação na época, tive uma naturalidade maior para me adequar às novas rotinas, mas para as gerações anteriores foi um processo mais difícil e muitos colegas tinham um estranhamento muito grande com as tecnologias digitais. Foram heróis da resistência para conseguir se manter produtivos com a emergência dessas novas linguagens que alteraram a lógica e o ritmo do nosso trabalho.

Veronica Wesolowski: O tempo da publicação e da circulação da informação publicada também mudou muito nesses 40 anos de Revista de Arqueologia, não é mesmo?

Acho que esse é um ponto importante sobre o qual devemos refletir. Ter três números editados ao ano pressupõe que as pessoas têm uma produção acadêmica mais ativa, mais constante e que se inicia mais cedo na vida profissional. E nesse processo de mudança, a CAPES começou a cobrar dos professores dos Programas de Pós-graduação uma produção acadêmica mais intensa e periódica medida pelas avaliações quadrienais, atrelando a distribuição das bolsas e das verbas à produção científica do corpo docente. Nosso vínculo aos Programas passa a depender da produção científica, medida em número de publicações anuais. Então essa revolução digital nos afeta nesse sentido também, nos forçando a criar um tempo novo, um novo ritmo de produção científica que atendesse às demandas da CAPES e às demandas do CNPq por produtividade. A demanda por produção passa a ser um ponto chave da vida acadêmica nos anos 2000 e que se reflete em novas práticas editoriais. Para nós que fomos educados dentro desta máquina, que fomos estudantes de pós-graduação formados nessa transição e que começamos a trabalhar na universidade nesta época, isso virou nossa rotina e o produtivismo foi naturalizado.

Veronica Wesolowski: Creio que podemos dizer que, de certa forma, essa transformação na produção científica, pelo menos na área de Arqueologia, vai um pouco a par e passo com a própria organização do sistema de pós-graduação no Brasil, porque a CAPES é um agente importantíssimo ao longo dos anos 1990 e dos anos 2000 nessa aproximação com as lógicas de produção acadêmica, de Pós-graduação e de publicação científica do exterior, das quais ainda estávamos muito longe, não?

Com certeza, tem toda a relação. Acredito que as revistas acadêmicas brasileiras e, principalmente, a produção editorial da área de arqueologia no Brasil refletem essa ampliação de todo o sistema de Pós-graduação. Voltando ao que falei anteriormente, no começo dos anos 1980, quando a SAB foi fundada, nós tínhamos um perfil editorial de revistas de instituições publicando monografias de pesquisa. São publicações importantíssimas em termos de publicização de dados primários e que usamos para desenvolver nossos projetos até hoje, mas o perfil editorial, 40 anos depois, é outro completamente diferente. Hoje temos essa demanda por regularidade da publicação, que é uma parte naturalizada (mas não necessariamente natural) da produção acadêmica, principalmente quando vinculada aos Programas de pós-graduação e às agências de fomento.

Podemos ainda avaliar que seguimos tendo, no caso da Revista de Arqueologia, a limitação da língua portuguesa. Realmente é uma barreira que enfrentamos para circulação da nossa produção fora

do país. Se formos analisar os índices de citação da Revista da SAB na América Latina, como um todo, veremos índices de citação bem mais baixos do que de outras revistas publicadas em espanhol de qualidade editorial inferior no Qualis CAPES. Isto se dá em função da barreira linguística. Nós lemos e citamos os trabalhos dos colegas que publicam em língua espanhola, mas a recíproca não ocorre.

Veronica Wesolowski: Tomando o gancho dessa questão da língua portuguesa, que de certo modo nos isola na América Latina, você não acha que investimos pouco no diálogo com outros países de produção em língua portuguesa, não apenas com Portugal, mas também com alguns países na África, como Angola, que começa a ter uma produção mais intensa e a retomar o investimento em seu sistema universitário?

Acho que teríamos que ver qual é o impacto da nossa Revista e como ela circula nesses países. Se o impacto é medido por citação, então como essas outras comunidades acadêmicas citam nossos trabalhos? Esse é um dado que nós não temos disponível ainda. Acredito que um caminho natural para a Revista de Arqueologia da SAB seria investir em edições bilíngues ou mesmo trilíngues, o que permitiria ao leitor que acessa digitalmente escolher a versão que quer ler, o que, conseqüentemente, aumentaria o índice de citação dos nossos trabalhos no exterior.

Veronica Wesolowski: O que significaria um investimento ainda mais intensivo por parte da SAB na Revista, uma vez que os artigos precisariam ser traduzidos para o inglês e/ou para o espanhol.

Acredito que isso poderá ser um investimento interessante para se fazer no futuro. O formato digital amplia a circulação para uma escala global e permite que a Revista deixe de ser uma publicação estritamente brasileira ou que só circula entre leitores de língua portuguesa. Esperamos que no futuro a Revista se torne, de fato, internacional, que ela venha a apresentar versões pelo menos em português e em inglês para garantir a circulação das nossas pesquisas na comunidade internacional. Também para aumentarmos o número de citações da Revista de Arqueologia, precisamos ampliar nossos investimentos em indexadores internacionais de referência e estabelecer uma política editorial a médio prazo, para ser implementada pelas próximas gestões, disposta a seguir investindo na qualificação da Revista.

Veronica Wesolowski: Por outro lado, nós já estamos abertos à submissão de artigos em espanhol e em inglês. Às vezes me parece que a procura da Revista como um veículo de colocação de produção por parte de colegas de outros países da América Latina é um pouco abaixo do que poderíamos ter, sobretudo porque são muitas as parcerias de pesquisa entre brasileiros e colegas de outros países. É ainda um desafio interessar os colegas falantes de espanhol para que publiquem na Revista da SAB?

Sim. Acredito que mudar este quadro de isolamento também passa por organizar redes e possibilitar publicação de dossiês que traduzam ações com outros países, fomentadas, por exemplo, por eventos internacionais.

Nossos dossiês da Revista de Arqueologia, em grande medida, são um canal interessante para divulgar a Revista em outros países e contribuir com a internacionalização. Por exemplo, em 2015, organizei com Cristóbal Gnecco um dossiê sobre Arqueologia de Contrato para a Revista da SAB que se originou a partir de um intercongresso da WAC [World Archaeological Congress]. O evento aconteceu em 2013 na UFRGS, foi financiado pelo CNPq e dele participaram pesquisadores de diversos países. Este dossiê já havia sido publicado em inglês em outra revista, mas a comissão editorial avaliou na época que se tratava de uma temática de interesse dos associados e eu e Cristóbal fizemos a tradução dos artigos para o português. Trago este caso para sugerir iniciativas futuras neste sentido, publicando-se com mais regularidade dossiês temáticos produzidos a partir de eventos internacionais ou mesmo de simpósios do Congresso da SAB.

Veronica Wesolowski: Como você entende o papel da Revista atualmente e como analisa o vínculo entre a SAB e sua publicação? Você tangenciou um pouco isso em outras respostas, mas gostaríamos que falasse um pouco de forma mais específica.

Eu penso que a Revista tem sido o principal investimento da Sociedade nessa gestão em particular, em que eu estou na presidência. A prioridade de investimento da SAB enquanto sociedade científica sem fins lucrativos é oferecer aos seus associados e à sociedade em geral uma plataforma de divulgação da nossa produção. A Revista de Arqueologia é hoje uma publicação com acesso livre e gratuito, que divulga uma produção científica de alto nível, mantendo uma qualidade editorial compatível com as regras internacionais, com edição profissional, indexada em bases nacionais e internacionais relevantes e avaliada pela CAPES como Qualis A1.

É importante salientar que a SAB conta exclusivamente com as anuidades dos associados para a edição da Revista. Então, ela precisa atender às demandas dos associados porque é um produto desse investimento individual que cada um faz com o pagamento das anuidades. Por isso ela precisa ter um perfil editorial plural que abranja todas as especificidades da nossa produção acadêmica, que é tão rica hoje em dia. Precisamos manter a Revista como uma plataforma digital de altíssimo nível e qualidade e como um instrumento plural e democrático de divulgação da nossa produção científica.

Veronica Wesolowski: Você diria que investir na profissionalização de alguns dos processos editoriais da Revista é fundamental para que ela se mantenha potente e competitiva, considerando a atual política de editoria científica nacional e internacional?

Exatamente. Entendo que os investimentos na profissionalização de alguns processos da Revista são fundamentais. Atualmente, os custos anuais da Revista mantêm, aproximadamente, o mesmo valor que se gastava antes, com a edição de papel, quando a maior parte do investimento era feito para a impressão e distribuição. Com a Revista digital pode-se redirecionar os investimentos para um aumento da qualificação dos processos. É o que a SAB tem feito nas últimas gestões da Diretoria: criar condições financeiras para que a Revista obtenha os indexadores nacionais e internacionais importantes, atendendo aos padrões internacionais de qualidade, contratar uma editora que faz o trabalho de revisão de texto, diagramação e publicação online – o que antes nós fazíamos artesanalmente, nós mesmo (os editores) ou algum bolsista. Também temos feito, na atual gestão, investimentos no gerenciamento do sistema de informação editorial, que gerencia os recebimentos, avaliações, edição e publicação dos artigos, que é o OJS. São investimentos importantes que devem ser mantidos nas próximas gestões para que a Revista atenda aos critérios de avaliação da CAPES e de indexadores internacionais.

Isso é o que permite atingirmos – espero que em breve – a possibilidade de atender também aos critérios exigidos para concorrer aos editais das agências de fomento para financiamento de periódicos acadêmicos. Penso que esse é um trabalho de formiguinha, que passa de gestão para gestão, mas que tem possibilidades de no futuro permitir o redirecionamento dos investimentos para tradução, por exemplo, tornando a Revista bilíngue. Embora a cada dois anos mudem as pessoas que atuam na Comissão Editorial, é importante que o trabalho seja contínuo, que a “máquina” da Revista esteja bem lubrificada para que ela possa, de uma gestão para a outra, garantir essa perspectiva de crescimento a longo prazo. Isso é algo que ela vem fazendo desde os anos 2000, quando ela passou, de fato, por essa primeira revolução digital, inaugurando um perfil editorial que mantemos até hoje.

Veronica Wesolowski: Você diria que é um movimento de resistência por parte da Sociedade de Arqueologia Brasileira e de seus associados investir nessa estratégia de renovação e qualificação da Revista ao mesmo tempo que se mantém a revista gratuita em todas as suas etapas? De certa forma isso é um movimento de resistência à pressão do negócio da editoria científica como ele é hoje, em que há grandes editoras comerciais que gerenciam os títulos?

Sem dúvida, especialmente se pensarmos que a SAB, enquanto sociedade científica, mantém uma revista de submissão gratuita e de acesso gratuito, o que só é possível porque ela é bancada pelas

anuidades dos seus associados. Ela precisa se manter como uma plataforma aberta, democrática, de acesso à informação de altíssimo nível. Isso é uma posição política de resistência, só não sei até quando será possível se manter isto financeiramente.

Veronica Wesolowski: Isso nos leva para a última pergunta. Como você analisa o futuro da Revista nessa relação com a Sociedade de Arqueologia Brasileira e nesse momento de grande pressão para visibilidade e circulação?

Resiliência e resistência – eu penso que são as duas palavras de ordem que podemos trazer dessa experiência política tão dura que tivemos nos últimos seis anos de ataques sistemáticos à ciência, às universidades, à cultura e aos direitos humanos, ambientais e patrimoniais. Nós teremos que lidar ainda por muitos anos com as consequências destas políticas destrutivas, mas desejo que nós possamos, em breve, voltar a colher os frutos de investimentos governamentais concretos, em especial voltados à democratização do acesso ao conhecimento. Penso que essa deve ser a perspectiva de todas as publicações que são derivadas e mantidas por sociedades científicas, que são bancadas pelas anuidades dos seus associados. Sempre. Não se deve investir em uma elitização, pelo contrário, porque a Revista da SAB é, de fato, a nossa vitrine. Cada um dos três números que a Revista publica por ano representa quem nós somos como coletivo e qual a nossa contribuição para a sociedade brasileira.

A Revista se manteve nesses últimos anos mesmo contra todas as expectativas, mesmo contra todos os ataques, com um altíssimo nível de produção. Então, ela é um exercício de resistência e todos nós estamos de parabéns, não apenas as Comissões Editoriais que trabalharam tão arduamente para isso ao longo dos 40 anos de existência da Revista, mas também todos os nossos associados que continuaram pagando suas anuidades e confiando na Revista de Arqueologia da SAB para a circulação da sua produção.

Fernanda Codevilla: Observando as pessoas que tiveram a experiência de editoria na Revista falar, como você e Cristiana Barreto, que dividiu a editoria com Juliana Salles Machado e o Eduardo Neves, é evidente que todos levaram a Revista adiante com muita força. É um investimento pessoal também. Como editores, muitas vezes trabalhamos aos fins de semana para a Revista. Então, a Revista chegou neste lugar em que está também por conta de algumas pessoas que passaram pelas Comissões Editoriais e a pegaram pelo cabresto para ela continuar. Se não fosse assim, não teria chegado tão longe. Eu considero que você e a Cristiana foram pessoas que fizeram isso, e ainda estão fazendo agora, porque se não fosse o recente investimento em profissionalizar os processos, teríamos andado para trás. Chegou-se em um ponto em que ou fazemos o investimento financeiro necessário ou teremos que diminuir o ritmo porque artesanalmente não é mais possível dar conta e manter o atendimento aos critérios de excelência demandados.

Este está sendo um dos maiores desafios para essas últimas duas gestões – a do Ângelo Corrêa, quando fui vice-presidente, e a atual. Foram duas gestões durante o governo Bolsonaro, com os cortes de investimentos na educação e na ciência, a pandemia, o desemprego e a crise econômica. Nos últimos seis anos, os recursos financeiros para manter as revistas acadêmicas advindos de agências de fomento foram reduzidos ou suspensos, então muitas revistas de excelência deixaram de existir. Como nós não estávamos ainda qualificados o suficiente para atender a esses editais de financiamentos, nós conseguimos sobreviver graças aos recursos advindos das anuidades. Por outro lado, nós mantivemos congelados os valores das anuidades, nesses quatro anos. Então, foi uma escolha que fizemos em manter e investir na excelência da Revista, mas os associados nem sempre se dão conta e questionam os investimentos das suas anuidades. Lembro ainda que, se muitos associados só pagam as anuidades nos anos que têm Congresso, o caixa da SAB tem compromissos mensais para manter a periodicidade da Revista. Hoje estamos qualificados para concorrer nos editais e esperamos que eles voltem a ser regulares, tornando a Revista autossuficiente. Até agora, resistimos bravamente e seguimos na luta tentando fazer da Revista de Arqueologia da SAB o nosso lugar de fala para a sociedade brasileira e, por que não, para a arqueologia global.